

O GOLEM LABORIOSO

Hermano Roberto Thiry-Cherques*

RESUMO

Nesse artigo apresentamos e discutimos os principais traços da mentalidade de golem como meio de sobrevivência nas organizações contemporâneas. Após algumas observações introdutórias, particularmente sobre o tema da alienação, os conceitos de mentalidade de golem e da sua adequação às formas contemporâneas de produção são desenvolvidos com base nos resultados de pesquisas acadêmicas. Essas pesquisas sugerem que a atitude próxima a dos escravos, mais do que um processo de adequação, é uma disposição ou mentalidade que permite aos trabalhadores sobreviverem às pressões do sistema.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present and discuss the main traits of golem's mentality as way to survive in contemporary organizations. After some introductory remarks, particularly on alienation, the concepts of golem's mentality and of its suitability to contemporary economic way of production are developed on the basis of the results of academic surveys and studies. It is suggested that slave analogous attitude are not the result of causal adequacy, but a usual disposition or mentality that enables workers get through system pressures.

* *Professor Titular da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas e "Senior Researcher" da Universidade de Maryland. O autor é grato ao Prof. Enrique Saravia e ao Pesquisador Roberto da Costa Pimenta pelos comentários e sugestões.*

Na madrugada, do segundo dia do mês de Adar do ano de 1580, o rabino Judah Loew, necessitando substituir trabalhadores extenuados, ativou o último golem que se tem notícia. Ele o chamou de Yossele. Yossele cumpriu o seu destino. Trabalhou arduamente até expirar. Recebeu várias homenagens. Na entrada do setor judaico de Praga uma estátua foi erguida em sua honra. Até hoje o seu túmulo pode ser visitado no átrio da vetusta "Sinagoga Nova", única a sobreviver aos nazistas.

Os golens¹ são gerados da argila do Moldava, mediante a invocação de um sortilégio que inclui ou omite ou inverte ou embaralha o tetragrama sacro YHWH [Iavé]. Pronunciado equivocadamente, o sortilégio causa desgraças abomináveis. Por isso é difícil hoje em dia dar com algum golem verdadeiro. Mas não são raras as pessoas que agem como eles. Viver como golem é a forma encontrada por alguns trabalhadores para resistir às pressões decorrentes da configuração da economia e das organizações contemporâneas. Os trabalhadores-golem são o objeto do texto que se segue. Nele discutimos as qualidades distintivas daqueles que não se rebelam nem se afastam, daqueles que, para sobreviver, aceitam ou preferem se avassalar ao sistema².

As informações que utilizamos derivam de observações empíricas, fruto de pesquisas que vimos realizando sobre as condições de sobrevivência nas organizações contemporâneas³. Os dados de que dispomos indicam que, embora os meios que os trabalhadores utilizam para manter o autocontrole no mundo das organizações variem em muitos sentidos, há determinações precisas de conjuntos de indivíduos com condutas semelhantes⁴. No mundo do trabalho acerbo e hostil que aí está enquanto alguns de nós procuram manter o que nos resta de sanidade nos escondendo atrás dos biombos do formalismo, outros levam existências paralelas, desmembradas entre o trabalho e a família, cindidas entre a produção e a ociosidade. Outros, ainda, se refugiam na desinformação e no entretenimento: nos resignamos a uma biografia vegetativa.

Mas há aqueles cuja conduta difere radicalmente dos demais. Pessoas que, por opção, por caráter ou pelas vicissitudes de sua história individual, não separam a vida do trabalho⁵. Para elas, a *vita activa* e a *vita laborans* são a mesma e única vida. São produtores irrestritos, trabalhadores que renunciaram à individualidade, para quem o trabalho é refúgio e garantia, um porto seguro contra as intempéries da existência. Trabalhadores absolutos, que como fórmula de sobrevivência toleram ou constroem uma agenda de reciprocidade em que, se a vida é refém do sistema, o sistema afiança a vida.

¹ O mito da criatura criada do barro e animada mediante alguma fórmula mágica ou sagrada data de tempos imemoriais. O Prometeu grego é apenas um exemplar de uma linhagem. A história do Golem encontra-se em [Meyrink - 1964] e em [Gershon - 1994].

² Empregamos /sistema/ no sentido que lhe dá Habermas [1991]. O que Habermas denomina "sistema" ou mundo sistêmico, é a parte do real regida pela ciência e pela técnica, pelas interações estratégicas da ação, do agir instrumental, o que se baseia na racionalidade. O conceito aproxima-se do que Weber denominou ação racional quanto aos fins e Horkheimer de racionalidade instrumental. Adorno e Habermas fazem uso de uma noção mais complexa, que envolve a racionalidade cognitiva-instrumental, e compreende as abordagens técnico-científica, econômica e administrativa.

³ A mais extensa dessas pesquisas visou a identificar "modelos de sobrevivência" em indústrias. Esteve voltada para a sobrevivência moral em ambiente industrial. [Cherques - 2.000]. Outras pesquisas, como a que relacionou o nível tecnológico à produtividade [Cherques - 1994], tiveram como objeto a sobrevivência material.

⁴ Utilizamos o termo "conjunto" no sentido que lhe dá a lógica [Boole, Cantor, etc], isto é, de elementos que satisfazem uma determinada propriedade. Utilizamos o termo "classe", também no sentido lógico, de coleção de conjuntos que possuem pelo menos uma característica em comum. A utilização da expressão "grupo" seria indevida porque os grupos são coleções de elementos inter-relacionados com uma identidade comum, e as pessoas as quais aqui nos referimos não formam grupos já que, embora possuam identidade, não mantêm uma dinâmica relacional interna.

⁵ O conjunto de pessoas com as características aqui mencionadas corresponde a 1/4 e a 1/5 da população das amostras das pesquisas. A amostragem é não-probabilística, mas, ainda assim, foi corrigida via estratificação, tipificação e sistema de quotas. Ambas as pesquisas a que estão referidas [Cherques 1994 e 2000] obedeceram a regras de investigação da fenomenologia, que considera secundários [embora não irrelevantes] os dados empíricos.

O trabalhador-golem está longe de ser um indivíduo cuja existência foi truncada pelas necessidades da sobrevivência. Tampouco é um rebelde domado. É alguém a quem nunca ocorreu se rebelar. Alguém tão associado ao sistema que a ele aliena integralmente o espírito. Alguém que ambiciona pertencer, que quer ser reconhecido como útil à produção. Por natureza ou por estratégia de sobrevivência, esse tipo de trabalhador desenvolve uma conduta de aceitação e conformidade. Manipulando e sendo manipulado, mitificando e crendo, ele é um excluído, um exilado do mundo que está para além do trabalho.

A configuração sócio-econômica que aí está, intelectualizando o trabalho industrial, envilecendo os saberes gerenciais, restringindo as oportunidades ao setor terciário, induz o florescimento da disposição de espírito do golem e dos seus avatares: o robô, o andróide e o *cyborg*, e encoraja a proliferação daqueles que dependem do sistema para sobreviver, não só física, mas mental e socialmente.

Nos itens a seguir, discutiremos a forma particular de luta do espírito para subsistir mediante a constituição de uma mentalidade servil e alienada, uma mentalidade que dá vez ao conformismo e à instrumentalização do trabalhador. Examinaremos como essa circunstância o torna apto a assumir o comando da tarefa menor de manipular os demais trabalhadores, e como o faz pagar por sua sobrevivência o preço da vida irrealizada e da solidão.

A MORAL RELATIVIZADA

Em uma página liturgicamente rememorada, Karl Marx sustentou que o homem pelo trabalho transforma a natureza e, neste processo, transforma a si mesmo⁶. Que o trabalho humaniza o homem. Talvez ele estivesse certo. Talvez o enfado tenha feito com que não freqüentasse ou se esquecesse do que entreouviu na *yeshiva* de Trêves. Senão, o que teria dito do trabalhador-golem, do humano que se amolda à perfeição aos valores do sistema? Teria ele creditado a sua conduta à criação, a uma adequação ou a uma metamorfose?

Muitos argumentam que o *workaholic*, o trabalhador absoluto, o golem humano, é um ser criado pelos processos modernos de gestão. Mas isso não é verdade. O golem existe desde sempre. No Pentateuco, aparece como um ser inacabado, um esboço de gente⁷. Também no Talmude⁸ foi o ente ou o estado que precedeu Adão. Já na cabala foi uma matéria bruta, sem forma nem contorno, criada pelo Rabbi Abba ben Rav Hamma. Conta-se que Ibn Gabirol criou um golem pela volta do milênio e que o Rabi Samuel criou um outro, para servi-lo na França do séc. XII. O fato é que, mítico ou não, quando, afinal, chegou a ser alguma coisa mais do que um proto-homem, e isso ocorreu em tempos imemoriais, o golem já surgiu como um ser predestinado à lide sem fim⁹. O trabalhador-golem nem é recente nem teve a alma seqüestrada pelo sistema: ele é uma criatura do sistema; a sua alma é a alma do sistema. Ele não é como o Dr. Fausto, o alquimista germânico que, no séc. XV, vendeu a sua alma ao diabo. Não é crível que ele tenha sido uma coisa diferente disso que aí está. Que tenha sido transformado pelo trabalho ou mesmo colonizado, no sentido que Habermas emprestou ao termo, de rendição dos valores da vida aos valores da produção¹⁰. O golem já lá estava quando a colonização dos espíritos começou. Ele sempre se ajustou à perfeição

⁶ Marx, [1978], livro 1 cap. 7 e Marx [1939], Texto 17

⁷ Salmos [139,16]

⁸ [Sanhedrin 65b]

⁹ [Moles - 1971]

¹⁰ Para Habermas [1987], há uma "colonização" do "mundo da vida" [o subjetivo e o cultural] pelo "mundo do sistema" [o econômico e o racional], Trata-se de um processo histórico. Antes da modernidade, da racionalização do mundo vivido, a integração do sistema foi subordinada à integração social. Com o advento da sociedade de classes, a relação foi invertida: a sobrevivência tornou-se a preservação do sistema, não da vida. Os vários mecanismos de diferenciação dos sistemas - a estratificação, a divisão do trabalho, o simples exercício do poder, seja por linhagem ou através do Estado legitimado - pouco a pouco esgarçaram a unidade entre o sistema e a vida. O primeiro passo para a separação se deu quando o Estado precisou de uma justificação ideológica para o monopólio do poder. O segundo, quando se tornou inevitável a vida sob um regime da lei formalizada. O definitivo, quando a liberdade econômica do ganho privado elevou o mercado à categoria de sistema auto-regulado e hegemônico sobre o mundo da vida, sobre a "família, a escola, o espaço público". No capitalismo tardio o mundo da vida já é um mero satélite do sistema.

às necessidades do sistema. Ele se ajusta belamente em um mundo como o nosso, no qual, como não cansam de insistir os motivadores profissionais, produzir significa viver. Em um mundo em que toda anulação da individualidade serve ao progresso¹¹.

O trabalhador-golem floresce hoje porque se realiza através das realizações do sistema. Ele se realiza como sistema: ele é uma hipérbole da colonização. Não um caso extremo, mas algo que transpôs os limites da interferência do sistema sobre a vida e se constituiu em singularidade. O seu sistema de valores sofre para além da simples ingerência do instrumental sobre o vital. Nele valores instrumentais são creditados como valores éticos, tanto externamente – os valores declarados – como internamente – os valores que orientam a vida e o viver. Externamente, a moralidade do trabalhador-golem expressa-se pelo compromisso com preceitos como a qualidade do trabalho, o atendimento ao cliente e a eficiência comercial¹². Internamente, pelo sacrifício da capacidade crítica. O trabalhador-golem, atrelado ao trabalho e à produção, abraça uma moral pendular, uma moral que segue o sistema, porque a sua cultura é a do sistema e a sua ética foi hipotecada às conveniências do sistema¹³.

Os seus valores oscilam entre as necessidades da sobrevivência e as convicções herdadas, os valores religiosos, que favorecem a idéia de que a vida e o trabalho são coisas mundanas, nada têm a ver com a moral. Para ele não é possível desatrelar a ética do trabalho. Se a vida é o sistema e se os valores do sistema mudam consoante as flutuações da economia, das rupturas tecnológicas e dos percalços da produção, se tudo no sistema é provisório e relativo, a ética também deve sê-lo. O relativismo ético não significa “não ter opinião” ou “não ter política alguma” a respeito da moral. Antes é uma posição reflexiva, segundo a qual toda avaliação é uma avaliação relativa a um ou outro padrão determinado. É uma atitude que se ajusta perfeitamente à mentalidade do trabalhador-golem. Frases como “eles que são brancos que se entendam”, “cada um sabe onde lhe aperta o sapato” ou, mais rudemente, “cada macaco no seu galho” são corriqueiras quando se lhe solicita uma apreciação sobre incidentes que envolvem possíveis transgressões éticas¹⁴.

Podemos lamentar que seres humanos tenham cancelado os valores e as virtudes individuais. Que a sua esperança pessoal tenha vindo a se confundir com a esperança coletiva e a fortuna da sua existência com a fortuna da produção¹⁵.

¹¹ Na verificação da tendência dos fatores mais importantes no que se refere ao trabalho, os dados da pesquisa [Cherques 2.000] indicam que os que buscam a sobrevivência via adesão integral ao sistema atribuem uma relevância crescente a fatores como a criatividade [54% de crescimento no futuro], a qualificação [57%], a realização [50%] e, em menor escala, a competição e o comércio. O sacrifício, como atributo do trabalho é entendido claramente como uma coisa do passado [com um decréscimo de importância da ordem de 9 para 1]. Além da informação direta, esses sinalizadores ajudam a firmar a coerência factual do perfil do trabalhador absoluto. O trabalho tende a ser entendido como “ergon”, o trabalho mais criativo, mais qualificado, que conduz a realização pessoal. O lado desagradável e sombrio do trabalho, que reside justamente na separação entre a vida e o esforço de produção, não foi mencionado.

¹² É possível se ter uma noção da força e da penetração do trabalhador-golem quando verificamos que os três itens não referidos à proibidade mais frequentes nos “códigos de ética” disponíveis na Internet são: i) “a máxima qualidade será procurada”, ii) “nossos clientes serão atendidos prontamente” e iii) “tudo será feito para mantermos a competitividade” (ou a rentabilidade, ou a produtividade, ou o que quer que esteja ou tenha estado na moda quando o código foi elaborado).

¹³ O Relativismo é a concepção segundo a qual não é possível estabelecer que um princípio ético é melhor do que outro porque não existem parâmetros [paradigmas] que nos sirvam de base para os julgamentos morais. Na pesquisa em que estamos nos baseando, a opção relativista dos que sem enquadram no perfil do trabalhador absoluto alcança 34, 4 % do total, contra 12,6% da opção majoritária na amostra [o utilitarismo]

¹⁴ A grande preocupação dos que se opõem ao relativismo é a de que podemos cair na armadilha de pensar que tudo é relativo [MacIntyre – 1994].

¹⁵ Os que se enquadram no perfil do trabalhador absoluto pensam que a cautela e a responsabilidade serão as virtudes preponderantes no futuro [com respectivamente, índices de 1,7 e 2,7 para um índice médio de -0,7]. Como a honestidade e a fé foram no passado [respectivamente índices de 0,7 e 0,0 para um índice médio de -0,9]. Essa não é uma percepção gratuita. Na sua perspectiva, a ameaça à sobrevivência é condicionada pela continuidade da forma vigente do sistema. O eventual desaparecimento da organização em que trabalha ou da forma de produção que lhe é familiar, apresenta-se como uma ameaça à vida, ao modo de viver. As mudanças nas organizações, nos processos de produção e na tecnologia, colocam em xeque a vida. Podem expô-lo ao desamparo moral e psicológico. Pela mesma lógica, a percepção sobre a posição de mercado é percebida com mais preocupação com índices bem superiores aos da média da amostra.

Mas a sobrevivência, tal como aqui a colocamos - coerência pessoal e resistência da psique ante as pressões do sistema - impõe, para que possa se efetivar, uma lógica, uma explicação do mundo e da vida.

O GUETO

O trabalhador-golem não é uma abstração, um constructo conveniente de idéias. É uma realidade concreta e documentada. São duas as características da sua constituição: a mentalidade conformista e o desejo de alienar à outra instância a vontade e a decisão sobre o viver: o anseio de estar identificado com alguma estrutura social, seja ela qual for. A primeira deriva da sujeição como condição da existência. A segunda, da convicção ou da sensação de que a individualidade só existe enquanto parte. Ambas, da idéia de que cada um de nós é o que é somente em relação aos outros, aos grupos, às instituições, às organizações. Trata-se de uma exacerbação da idéia hegeliana do reconhecimento¹⁶. Para o trabalhador-golem, ser não é apenas ser reconhecido. Ser é ser reconhecido como parte funcional: como subsistema.

Os esforços para esclarecer a racionalidade das atitudes de conformidade costumam girar em torno dos motivos dos que se doam ao sistema. Mas essa é uma via sem saída. Não se trata aqui de uma questão de motivos, mas de razões. E a única forma de compreendermos essas razões é, como em toda a compreensão válida no campo social, nos colocarmos no lugar dos outros, nos colocarmos no lugar do trabalhador-golem. A questão passa então a ser: porque alguns de nós nos abandonamos ao sistema? Porque nos curvamos a valores externos, ou tomamos os valores do sistema como se fossem valores da vida?

Naturalmente esse é um tema muito amplo e provavelmente haverá uma razão pessoal para cada trabalhador. Mas se restringimos a questão à conduta observável dos conjuntos de pessoas que fazem seus os valores do sistema, a explicação aponta para o desenvolvimento de uma mentalidade específica, uma esfera de atitudes coerentes, que podem ser descritas como sendo uma mistura de mentalidade de gueto e de vontade de inclusão.

A formação que o psicanalista teórico Bruno Bettelheim estudou sob o título de "mentalidade de gueto" foi construída na tentativa de explicar porque muitos judeus e ciganos se deixaram levar aos campos nazistas de extermínio¹⁷. Bettelheim, ele mesmo um sobrevivente de Auschwitz, identifica as raízes do conformismo na cultura dos grupos fechados. Argumenta que, na Europa da volta do século XX, ao longo de três gerações, todos os que não estavam dispostos a se submeter às condições inferiores de respeito e todos os que queriam partilhar das novas liberdades dadas pelo capitalismo ou prometidas pelo socialismo, foram se afastando da vida nos guetos. Os aventureiros, os intelectuais, os ambiciosos, os independentes, os libertários já lá não estavam quando adveio o nazismo. Restavam os habituados com as opressões. Os acostumados com a sujeição exercida pelos gentios: com a sujeição surda da religião e com a sujeição usual nas comunidades enclausuradas. De forma que, quando a Gestapo chegou, na mente daquelas pessoas houve apenas uma variação de intensidade, não uma descontinuidade, como pode parecer a um observador externo. Aceitou-se o que sempre se tinha aceitado, o que era natural aceitar.

O gueto é uma situação extrema, mas a "mentalidade de gueto", não. É até

¹⁶ O reconhecimento tem muitas gradações e intensidades. Vai desde o simples tomar conhecimento dos gregos até o "respeito" kantiano. A acepção que hoje predomina, e que utilizamos, é a de Hegel, que dá o reconhecimento como a idéia que a consciência de si do ser humano depende da experiência do reconhecimento [do conhecimento pelo outro]. [Hegel - 1992] B, VI - Na dialética do senhor e do escravo um tem que reconhecer o outro para que o outro "seja". O senhor mais e mais depende do escravo para ser reconhecido como senhor. O escravo, pelo trabalho, emancipa-se. A consciência do senhor segue confinada em -si. A consciência do escravo, alcança a liberdade de ser para-si. Por isso, a verdade da consciência autônoma é a consciência do escravo.

¹⁷ [Bettelheim - 1991]

bastante comum. A primeira característica dessa mentalidade é a recusa em ver. Os judeus e os ciganos segregados pensavam que o que não aconteceu a eles nunca aconteceu. Não podiam conceber a matança racial porque criam que tal procedimento era contra a natureza humana. Não podiam ver, como muitos não conseguem ver, que tais matanças ocorreram ao longo da história e seguem ocorrendo com hedionda constância. A segunda característica da mentalidade de gueto é a insensibilidade como tática de sobrevivência. Quando qualquer degradação é absorvida, quando se aceita tudo, quando se ri se o mujique boçal puxa a sua barba, o opressor tende a se cansar, tende a permitir que o oprimido sobreviva e até que prospere. É a idéia de que aqueles que se dobram não se partem.

A diferença dos outros trabalhadores, para os golens, para aqueles que aceitam alinear a vida ao sistema, o alheamento do sistema significa a perda cada vez mais pronunciada do sentido da própria vida. Ao invés de a tensão, incidental ou contínua, distanciá-los dos valores do sistema, aproxima-os. O "vestir a camisa" torna-se radical, quase que poderíamos dizer que se fanatiza. Mais e mais essas pessoas fazem seus os valores das organizações. Para elas, cada vez menos há vida fora do sistema. Isso não quer dizer que a sua vida seja ruim. Nem mesmo que seja uma vida sem perspectivas. Mas que toda a perspectiva da vida está limitada ao "pertencimento", a transferência da necessidade de pertencer a um grupo para a necessidade de pertencer a uma organização, de se alienar integralmente ao sistema.

Essa transferência, descrita por Galbraith¹⁸, é uma racionalização a partir da idéia de que está além da motivação, pura ou induzida, estudadas por March e Simon¹⁹. Da noção de que, uma vez que os objetivos da organização, da tecnoestrutura e do trabalhador coincidem ou devem coincidir, os valores da organização, da tecnoestrutura e do trabalhador são ou devem ser os mesmos. O caráter monástico do pertencimento e a hierarquia dos valores se confundem. Não se trata de bajulação ou de covardia, mas de convencimento, de comprometimento se quisermos uma má tradução da decantada virtude (ou perversão) do *commitment*²⁰.

A recusa em ver e a insensibilidade em relação à opressão do sistema, típicos do trabalhador-golem, parecem ser o resultado de décadas de treinamento e de taylorização. Nas fábricas, nos escritórios e nos balcões, a recusa em enxergar outras realidades e a aceitação passiva do que acontece, constituem ou, pelo menos, contribuem para a formação de uma mentalidade conformista, em tudo similar à mentalidade de gueto e o que dela resulta: a alienação radical.

○ ALIENADO

Foi Hannah Arendt²¹ quem primeiro advertiu que o processo de alienação tem um efeito muito mais profundo do que o descrito pelo marxismo de estrita observância. Ela argumentou que quando, a partir da revolução industrial, o trabalho-opus, representado pelo artesano, foi sendo substituído pelo trabalho-labor fabril, os produtos do esforço humano se tornaram produtos do trabalho-labor, cujo destino final é serem consumidos, ao contrário dos produtos do trabalho-opus, cujo destino é serem usados. De sorte que terminamos por viver em uma sociedade de "laborers", dos que laboram. Uma sociedade de golens alienados dos resultados, do controle e, muitas vezes, da compreensão dos processos produtivos²².

¹⁸ [Galbraith - 1968]

¹⁹ [March e Simon - 1958]

²⁰ Para os trabalhadores com o perfil aqui descrito, a percepção das relações com os outros atores do sistema segue a tendência geral de considerar positivamente as interações com os fornecedores, o governo e a comunidade e negativamente, ou menos positivamente, as relações com os concorrentes e empregados. Difere da média em avaliar negativamente a relações com os clientes, que no cômputo geral são consideradas positivas. Uma interpretação desse dado, a partir do que transpareceu nas entrevistas é que as relações com os clientes, embora não sejam especialmente ruins, podem ser melhoradas, uma vez que são percebidos como a fonte de manutenção do sistema e, portanto, da vida.

²¹ [Arendt - 1989]

²² Comparando-se com a percepção geral da amostragem das pesquisas, para quem o trabalho é, fundamentalmente, obrigação e sacrifício, os trabalhadores com o perfil aqui descrito têm a visão de que o problema do trabalho é a precariedade e de que cada vez mais se constitui em um negócio.

Quando os valores do sistema são tidos como valores da vida, a sobrevivência torna-se tão controlável quanto controlável são os fatores de mercado e o progresso técnico para o trabalhador na linha de produção. De forma que os trabalhadores-golem são alienados em uma tripla chave: alienam a sua força de produção, como queria Marx, alienam sua vontade, no sentido rousseauiano do termo, às forças de mercado, e alienam sua vida espiritual ao fortuito, ao aleatório, ao acaso do seu destino material.

O conceito de alienação tem uma história. *Aliens* é o outro, o estrangeiro. Alienado é o que está separado, o que se tornou exterior, estrangeiro. No direito foi, e continua sendo, a venda, a cessão de um bem a alguém que passa a ser seu proprietário. Rousseau²³ utiliza o termo para significar "a alienação total de cada associado [membro da sociedade] com todos os seus direitos à comunidade". Hegel²⁴ considera alienado o espírito [*Geist*] que se tornou estrangeiro a si mesmo. Marx, ao longo de sua obra utiliza o termo em uma tripla acepção: a alienação em relação ao produto do trabalho, a alienação em relação ao ato de produzir e, a alienação em relação à vida, ao viver. Max Weber²⁵ acreditou que a alienação era produto da racionalização técnica da sociedade, do imperativo para a sobrevivência de alienar-nos às organizações e à produção, não importando quem fosse o dono da organização e o modo que a produção adotasse.

No processo de alienação no sentido marxista não só a produção se torna estranha ao trabalhador como a força viva do trabalho se transforma em objeto. As relações sociais, dentro e fora do sistema, são reificadas, coisificadas²⁶. A alienação é o sistema imposto ao homem privado da consciência de si, da decisão autônoma. Ele é reificado como escravo, como golem²⁷. A alienação da vontade, descrita por Rousseau, se dá em uma chave ainda mais profunda²⁸. Ela não decorre somente do sistema econômico, mas dos sistemas de produção. As máquinas autoreguladas, com imensos ciclos de funcionamento autônomo, as ilhas de produção e de vendas e os demais traços do perfil produtivo e comercial da atualidade reforçam a alienação da vontade ao deixar abertas somente as janelas de oportunidade para os adaptados sistêmicos. Por fim, o alienado espiritualmente, ao deixar-se levar pela eventualidade, ao entregar-se ao sistema, incorpora uma alienação que transcende a questão jurídica da propriedade dos meios de produção e a questão política da vontade. Uma alienação que deriva da autonomização da produção e dos serviços, das máquinas de controle numérico e do cartão de crédito, da customização eletrônica e das compras via Internet. Uma situação em que a máquina não mais prolonga a pessoa do trabalhador, senão que o substitui. Em que os processos industriais, de serviço e mesmo os processos comerciais se colocaram além do alcance tanto do trabalho como do capital. Um contexto em que o trabalhador absoluto, o golem, se encaixa à perfeição em um mundo que mais e mais se aliena do viver, em um mundo que faz da autoreprodução a razão da sua existência.

²³ [1964] *Contrato Social* L.I. cap. 1

²⁴ [1992]

²⁵ [Coser - 1977]

²⁶ [Marx - 1929] *Manuscritos de 1844, 1^{er}. Manuscrito e Manuscrito XXIV*

²⁷ [Perroux - 1970]

²⁸ Naturalmente a alienação definida por Rousseau não é a alienação da vontade aos interesses de um outro, mas ao interesse de todos. A ordem civil, definida pela "vontade geral" e pelos "interesses gerais", afasta-se das vontades e interesses particulares, que são da natureza humana. O paradoxo é aqui aparente: não há contradição mas uma dupla chave para a ordem no estado do Contrato: a da moral e a dos interesses. A vontade geral difere, claro, da vontade particular mas também difere da "vontade de todos", o somatório das vontades particulares. É a parte comum da vontade de cada um. Moralmente, o homem não pode alienar sua vida e sua liberdade, não pode se sujeitar à comunidade subjugada pelo mais poderoso ("... o que seria uma agregação, não uma associação"). O que pode, e deve, alienar são seus interesses, não a um chefe, mas à comunidade da qual é parte. Rousseau ridiculariza a idéia de um contrato de obediência « em que um se obriga a obedecer e outro a comandar » e afirma que existe somente um "contrato, o de associação, que exclui qualquer outro" [Rousseau - 1964]

O ROBÔ

O golem, é extremamente útil ao sistema. Mas nem sempre é dócil. De ordinário, os golens são serviçais dedicados, mas têm vida própria e podem se rebelar. Daí que os rabinos escrevessem a verdade [*emet*] na sua testa, de forma que bastaria apagar a primeira letra da verdade [*met* = morte] para destruí-lo. Eles também são difíceis de enganar. Com se sabe, as instruções para o golem devem ser escritas em uma folha de papel e postas na sua boca. Na Praga renascentista alguém ensinou Yossele a ler e ele descobriu o que era. Corre a lenda que a decepção com o seu mestre foi tanta que ele fugiu e nunca mais foi visto. Mas isso não deve ser verdade, porque o seu túmulo não está vazio. O certo é que Yossele se rebelou porque descobriu que não era como as outras pessoas. Por esse motivo, quando, em 1920, ainda em Praga, o golem reapareceu sob a forma de robô, o seu criador deu-se o cuidado de, no fim, humanizá-lo inteiramente.

Avatar do antigo golem, o robô é uma invenção do tcheco Karel Capek, que escreveu uma peça [*R.U.R. – Rossum's Universal Robots*] onde apareciam autômatos como personagens. Em tcheco, "*robota*" significa trabalho obrigatório. Um "*robotinik*" é um servo. O termo robô, hoje de uso universal, se refere à máquina que realiza trabalhos para ajudar as pessoas ou efetua tarefas difíceis ou desagradáveis. Os robôs originais de Capek não eram metálicos. Eram processados a partir de um substituto químico do protoplasma. A trama da peça R.U.R. é sobre a insurreição dos robôs. Termina quando Helena, uma robô obsoleta e Primus, um robô perfeito, se apaixonam. Eles recebem a benção do seu criador para casarem e a incumbência de pagar pelos erros dos seus predecessores insurretos. Recebem, também, novos nomes: Adão e Eva²⁹.

Além de servil e alienada, a índole do golem elevado a robô é a de um ser inteiramente instrumentalizado. Por isso, a mudança dos processos produtivos, a nova tecnologia, a perda do emprego, a aposentadoria são para ele figurações da morte, da anulação da existência. Dentre os traços que formam a sua microcultura, destaca-se, em primeiro lugar, a desconfiança e a aversão a tudo que possa ameaçar o estabelecido. Um agravo ao equilíbrio do sistema é interpretado como ataque aos valores da vida. Em segundo lugar, aparece, como decorrência desse primeiro traço, a limitação dos horizontes. Os robotiniks tendem ao imediato, a desempenhar o papel que melhor se encaixe nas necessidades de manutenção do sistema. Uma terceira característica é a do consentimento acríptico das imposições do sistema.

É muito raro que os trabalhadores-robô mantenham relações sociais com alguém de fora do trabalho. Tendem a uma vida restrita à vida na organização, a pensar o grupo familiar e as relações pessoais como uma extensão da empresa. Vivem em uma prisão, a jaula de ferro weberiana³⁰, que é a objetivação da cultura material, do "mercado", e do seu "poder inexorável". Que é, também, a prisão mental em que estamos encerrados pela nossa forma de pensar. É a prisão de uma humanidade especializada, "vacionada", compelida a abandonar a "universalidade da humanidade" e viver em um mundo racionalizado, "desencantado"³¹. Mas o trabalhador robotizado não sofre com a prisão de ferro porque não a enxerga. Simplesmente a integra.

Esse caminho sugere conduzir à morte do espírito. As cores da existência, o viver em profundidade, parecem ter sido anulados. A sobrevivência espiritual pa-

²⁹ [Dennis – 2.000]

³⁰ Weber escreveu [1930] pag. 182, sobre a prisão de ferro: "não sabemos quem viverá nessa prisão no futuro", mas que para o último estágio desse desenvolvimento cultural pode ser dito: "especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, esta nulidade imagina que se tenha obtido um nível de civilização nunca antes alcançado". A prisão de ferro deriva da exacerbação da racionalidade formal [técnica] em detrimento da racionalidade substantiva [que considera o todo da vida]. A evolução técnica nos levaria a uma sociedade desumanizada que limitaria a nossas potencialidades.

³¹ [Scaff – 1989]

rece ter sido sacrificada às sobrevivências material e emocional. Mas para o trabalhador-robô - em que pese o fato de o progresso técnico acelerado, as pressões de uma economia de mercado de regulação social nula ou deficiente, a precariedade das organizações e do trabalho incidirem cruelmente sobre o vivido - o sentido da vida não está morto. A organização e o trabalho emprestam sentido ao viver.

É significativo que a produtividade e o atendimento aos clientes e a rentabilidade pareçam, a essas pessoas, como fatores que tendem a perda da relevância que atualmente lhes é dada³². Isso demonstra uma dissociação entre o trabalho - um valor e um bem em si mesmo - e o seu resultado - a produção/produtividade. Em uma interpretação imediata pareceria que para eles o trabalho não serve à produção, mas à vida. No entanto, a investigação de campo deixa claro que é justamente o inverso. O sistema e a vida mais do que se confundem: o sistema, por intermédio do trabalho, faculta o sobreviver.

○ UTENSÍLIO

A observância estrita do cânon de valores do sistema se presta a todo tipo de instrumentalização. Do lado mais sombrio, se trata de extrair sobretrabalho do robô ou de utilizá-lo para isso. Do outro, de apresentar o esforço de crescimento econômico da organização como uma espécie de conquista da felicidade individual. O trabalhador-robô não é um fantoche, um boneco de engonço. Não é um autômato, que ganhou vida própria, mas alguém que vive como se fosse um autômato. Ele se adapta tão completamente ao sistema que não pode se dar conta do quanto é útil, do quanto é um utensílio, do quanto é um instrumento.³³

A instrumentalização, de que o andróide é vítima e promotor, advém das práticas administrativas de Recursos Humanos e não de um interesse individualizado³⁴. Tal como as técnicas de auto-ajuda, muitas das formas atuais das práticas de RH exploram facetas do instinto de sobrevivência. Elas se fundam na ilusão de conhecer o futuro e na esperança de melhorar ou prolongar a vida. Prometem um futuro melhor ou mais conforto ou mais segurança ao empregado. Aí estão as normas (planos de carreira) que irão corrigir injustiças e "estabilizar" a vida funcional. Aí estão os programas de "qualidade de vida". Aí estão, também, os sistemas de recompensas, os guias na selva das organizações que recomendam "estratégias de sobrevivência" baseadas na vigilância e na desconfiança. Estas "estratégias" derivam da literatura psiquiátrica e médica sobre a resistência às enfermidades e da crescente produção sobre a morte. Ambas exortam as pessoas, como estratégia para enfrentar as "crises da idade adulta", a diminuir as suas ambições e a confinar sua atenção ao momento imediato³⁵.

Os trabalhadores-robô nada mais fazem do que seguir esses manuais de sucesso, a ótica míope das práticas contemporâneas de RH, em que o tempo e o espaço se limitam ao presente imediato, ao meio circundante do escritório e da fábrica, onde os sobreviventes devem aprender o truque de observar-se, como se os acontecimentos de suas vidas estivessem ocorrendo com outros. O desempe-

³² Nas pesquisas a que vimos nos referindo, os fatores considerados mais importantes pelos que se incluem no perfil do trabalhador integrado ao sistema, indicam como forças ascendentes, isto é, que devem continuar a prevalecer no futuro, a qualidade do trabalho e a competitividade.

³³ Para esses trabalhadores, há uma percepção negativa das relações com empregados (a relação capital/trabalho). A posição, ou melhor a queixa, é de que os empregados, como parte do sistema, não podem ser aliados das decisões. O trabalho se confundindo com a vida, distanciar o empregado do sentido da empresa é privá-lo não só do direito de reger a própria vida como do dever de contribuir para melhorar as condições do grupo a que pertence.

³⁴ Até aonde pudemos inferir nas pesquisas que realizamos, é muito raro o "aproveitar-se" da ingenuidade ou do entusiasmo do trabalhador. Por outro lado, não verificamos tentativas de alertar ou convencer as pessoas que eventualmente poderiam estar sendo utilizadas. Como nos disse um dos entrevistados: quem é que gosta de contar a uma criança que Papai Noel não existe?

³⁵ [Lasch - 1999]

nho de um papel serve não apenas para projetar uma imagem de energia e confiança, como para proteger contra os inimigos invisíveis, manter os sentimentos sob controle e dominar as situações ameaçadoras.

Essa é a razão porque o trabalhador com a índole de um robô jamais se vê como sujeito, senão como vítima das circunstâncias. O deixar-se guiar por forças externas incontroláveis inspira um modo de sobrevivência moral, uma retirada do "eu" sitiado em direção à conduta de um observador separado e distante. Ele partilha com os demais trabalhadores o medo do impacto da tecnologia sobre o trabalho³⁷. Mas, se isto se deve, em parte, à sensação de distanciamento trazida pelas máquinas de controle computadorizado, se deve muito mais ao receio de que as modificações no trabalho os desamparem espiritualmente.

A FERRAMENTA

Uma cansativa tradição da antropologia e da psicologia do trabalho identifica o trabalhador moderno com a engrenagem, como se o trabalhador cada vez mais se aproximasse de um mecanismo, como o mecanismo de Descartes³⁸ (um dos precusores na invenção do robô) que uma vez tendo recebido corda, trabalha incansavelmente. Descartes, toma a idéia do Pigmaleão das Metamorfoses³⁹ e dos autômatos de feira, sensação na sua época, para sustentar que o corpo é uma máquina, uma estátua animada, onde Deus pôs todas as peças necessárias a seu funcionamento..Já no século XVIII os engenheiros falavam do homem como "máquina animada". Para eles, os primeiros administradores modernos, o homem é seu próprio motor. O homem é um "conversor" de energia. Converte alimentos, ar, etc. em trabalho, como queria Lavoisier⁴⁰. Mas a imagem do homem-máquina, se é feliz, não é mais verdadeira. Pelo menos hoje em dia não é verdadeira na amplitude pretendida pelos que insistem com essa idéia.

No passado as corporações exploraram à exaustão todos os que não tinham autonomia, que não tinham direito sobre si mesmos, sobre o próprio corpo: os servos, as mulheres, as crianças. Depois excluíram o que deles havia sobrado. Mais recentemente, o taylorismo excluiu os não ajustados e o fordismo excluiu os não intercambiáveis e os rebeldes⁴¹. Ficaram os operários padronizados. Mas a intelectualização necessária ao trabalhador contemporâneo, com todo o treinamento que nela vai embutido, é incompatível com o taylorismo e o fordismo clássicos, de sorte que os excluídos de hoje são os que não detêm conhecimento, os que não puderam aprender.

Como o crescimento da economia não tem compensado a diminuição de postos de trabalho, há uma exacerbação na competição pelos postos restantes. As dispensas recaem naturalmente sobre os que não sabem manipular a produção [máquinas e pessoas] através dos computadores, dos que não podem acompanhar o ritmo de produção a passo informatizado (*computer passing*), dos inaptos para o condicionamento necessário ao teletrabalho⁴².

Se, de um lado, a taylorização se aprofunda, porque os programas sofisticados necessitam cada vez menos habilitação dos operadores, essa desabilitação (*deskilling*) é uma desabilitação de ofício, não de conhecimentos. Isolado em sua ilha de controle, distante da geração dos bens e do convívio com colegas, com

³⁷ Uma característica singular dos que se enquadram no perfil aqui descrito é da apreensão generalizada sobre o futuro do trabalho. Embora os fatores positivos do trabalho acompanhem a percepção média, os fatores negativos são vistos como aumentando progressivamente, contra uma tendência fortemente declinante no entendimento do conjunto dos entrevistados.

³⁸ [1973] pag. 378 e ss. Para Descartes, a medicina nada mais era do que a "mecânica do corpo humano"

³⁹ [Ovídio - 1955]

⁴⁰ [Vatin - 1993]

⁴¹ [Dubar - 1998]

⁴² [Chamot - 1989]

clientes, com fornecedores, o trabalhador "viável" é, cada vez mais, o que obteve êxito no processo continuado de habilitação informacional. É o robotizável, o sobrevivente resultante da seleção artificial.

O termo "viável", cunhado pelos médicos dos hospitais de sangue da primeira Grande Guerra para denominar os feridos que tinham condições de sobrevivência, serve perfeitamente à apreciação dessa multiplicidade de formas de ser ou estratégias de sobrevivência na esfera do trabalho. As pesquisas que lastreiam o que vimos relatando, têm revelado diversas condutas no mundo da produção⁴³. Algumas têm se demonstrado viáveis, outras não. A do homem-engrenagem, do eterno manipulado, do homem dos tempos modernos de Chaplin, é hoje minoritária. A engrenagem, mesmo movendo outra engrenagem, não é autônoma, não tem a independência operacional requerida pela produção contemporânea. O robô não é uma engrenagem, é um utensílio e é uma ferramenta.

A habilitação não é só um caminho para a sobrevivência espiritual, mas um caminho para a sobrevivência material. Não é uma antítese da sobrevivência, mas uma pré-condição. A cultura técnica se expande, novos conhecimentos, novos bens e novos valores são acrescentados a ela a cada dia, o que determinada uma barreira lógica (não valorativa) aos não iniciados. A cultura técnica, como toda cultura, não é um todo harmônico, mas uma porção de contradições em constante movimento dialético. Enquanto parte desse movimento, o trabalhador robotizado, como sabemos desde Hegel, não se opõe aos outros, mas depende deles para que possa compreender-se e encontrar-se a si mesmo. Ele não se coloca nem como mentor, nem como engrenagem, nem como carrasco, nem como vítima. O robô, o utensílio, a ferramenta, é indiferente, é ajustável, é o líder ideal de qualquer grupo, o factótum da burocracia, o vendedor universal.

○ ARISTOCRATA

O homem-ferramenta cuja vida é o trabalho, cujo espírito é o do sistema, findou, via seleção artificial dos melhores adaptados, por superar o homem-engrenagem. Agora, não mais como escravo, mas como senhor, o trabalhador pode, finalmente, alcançar a incorporação vivencial e moral ao sistema. É como aristocrata do produzir que atinge a plenitude da auto-anulação. O robô engrenagem foi superado pelo robô manipulador, pelo trabalhador-andróide, por Hel, a capataz aristocrática.

Quando, em 1926, Rotwang, o cientista louco da *Metropolis* de Fritz Lang, criou a andróide Hel não foi para que trabalhasse, mas para que fizesse os outros trabalharem⁴⁴. Essa terceira personificação do golem servil e alienado, do robô conformado e instrumentalizado, vai realizar o destino superior do trabalhador absoluto: vai fazer produzir.

A aristocracia do trabalho, os que fazem os outros produzirem, foi definida a partir da propensão histórica de uma parte dos trabalhadores ter melhores oportunidades de sobrevivência do que outros. Da segunda metade do século XX a essa parte foram aristocratizados os feitores da empresa taylorizada, os trabalhadores mais aptos do fordismo e os melhores adaptados aos sistemas digitalizados de gestão. Ultimamente, quem vem sendo aristocratizado é o trabalhador habilitável. O trabalhador com a base intelectual necessária para o treina-

⁴³ Entre as quais ocorre com maior frequência a que cinde integralmente a vida espiritual e a vida do sistema e, com frequência um pouco menor, a que apresenta um movimento pendular entre a vida e o sistema.

⁴⁴ No filme "Metropolis" de Fritz Lang, o diretor alemão que se recusou a ser o cineasta de Hitler, o cientista malvado Rotwang cria uma andróide, [seria mais propriamente uma ginecóide], Hel, destinada a substituir os trabalhadores. Há uma revolta e Hel, na tentativa de controlar os revoltosos, é humanizada como Maria, a líder dos trabalhadores explorados. Mas ela se rebela e acirra a revolta. Com isso, os gerentes vêem-se compelidos a um compromisso de paz. Maria que, do seu cativo, controla a revolta, é libertada e Hel é destruída.

mento e o retreinamento em velocidade. Aquele que pode fazer face à cinesia alucinante de obsolescência e inovação contemporâneas e que, simultaneamente, é flexível o suficiente para ajustar-se às formas de organização em metamorfose continuada: o trabalhador reprogramável.

As qualificações em atividades não repetitivas e de supervisão e controle, se, por um lado alijam uma quantidade cada vez mais significativa de trabalhadores, por outro selecionam e retêm aqueles que vão formando uma nova elite do trabalho. Esse processo teve início na primeira metade do século XX, quando os gerentes se apropriaram dos conhecimentos dos trabalhadores-artesãos e os otimizaram, homogeneizaram e padronizaram, determinando o fim do trabalho de ofício⁴⁵. A partir daí o trabalho cerebral passou a ser concentrado na mão dos gerentes, separando-se a concepção da execução. Esse é o princípio básico da taylorização: a idéia de que a ciência do trabalho nunca deve ser desenvolvida pelo trabalhador mas pela gerência "científica", porque custa tempo e dinheiro estudar o trabalho e somente o capital dispõe de tempo e dinheiro.

Os argumentos de Taylor⁴⁶ a favor da gerência científica são eticamente problemáticos, mas são logicamente corretos. O trabalhador tende espontaneamente a guardar os "segredos de ofício", a defender o emprego dos seus colegas. Por outro lado, só é possível estudar o trabalho de outro, coisa para a qual só o gerente tem tempo e informação. Com a taylorização, os gerentes vieram a deter o monopólio do conhecimento, a constituir uma aristocracia do trabalho.

Mas o processo de acumulação de tecnologias, principalmente no que se refere à informatização, depende de elos cada vez mais complexos. De forma que os sistemas de automação simples vêm sendo substituídos por sistemas de meta-informação (informação sobre a informação)⁴⁷. Os novos regimes de produção destroem e recriam postos de trabalho, não só devido às novas tecnologias ou aos processos de automação mas, e talvez principalmente, pela exigência de uniformidade, tanto ao nível da produção quanto ao nível das empresas. Os conhecimentos e as habilidades requeridas pelas integrações horizontal e vertical, antes atributos dos gerentes, cada vez mais são requeridos aos trabalhadores nas linhas de produção, de serviço, de vendas. O gerente taylorizado vai perdendo espaço. Graça a aceleração do progresso técnico, a adesão aos valores do sistema não só garante a sobrevivência material, o emprego, como facilita a ascensão funcional de uma nova aristocracia do trabalho.

Com a evolução tecnológica e com a decorrente modificação dos processos de trabalho, aos aristocratas do controle e da informação vieram a se juntar outros⁴⁸. Próximos aos quadros dirigentes, que participam do poder e da planificação, os quadros de infraestrutura vieram a integrar a aristocracia estável, que conduz o cotidiano da organização e garante a sua continuidade. De forma que a aristocracia contemporânea é composta cada vez menos pelos gerentes do taylorismo, que progressivamente vão sendo substituídos por quadros móveis, com especializações de utilização efêmera, que operam em pequenas equipes ou individualmente, realizando quase que unicamente consultas e expertises. O trabalhador-andróide, como ferramenta - que é um artefato feito para atuar sobre outro mecanismo - deve ser capaz de dominar todo tipo de objeto, o artefato, o utensílio, as outras ferramentas, os instrumentos de controle. Com a intelectualização do trabalho, ele vem se especializando em uma espécie particular de manejo: o governo dos demais. Ele é um manipulado que manipula os objetos, os processos e os outros trabalhadores

⁴⁵ [Braverman - 1977]

⁴⁶ [Taylor - 1947]

⁴⁷ [Cohendet - 1991]

⁴⁸ [Bouchet - 1998]

O golem e os seus avatares, o robô e o andróide, são manifestações emblemáticas de um tipo particular de trabalhadores: os que têm a sua vida material, espiritual e social mesclada a do sistema. São símbolos calcados nos temores e nas ambições humanas. Multifacéticos, oscilam entre a anulação e a utilidade, entre a alienação e a eficácia, entre a vontade de poderio e a de reconhecimento. Na sua última ou mais recente personificação, o *cyborg*, hesitam entre a ilusão e a exclusão.

O termo *Cyborg* [de *cybernetic organism*] foi cunhado em 1960 por Manfred Clynes e Nathan Kline⁴⁹, cientistas da NASA que estudavam as possibilidades de aumentar artificialmente as capacidades dos astronautas. Foram concebidos como meio gente, meio máquina. Nos anos 80 e 90, o fraco imaginário da indústria da ficção os transformou em artefatos de guerra, mas a intenção inicial era a mesma de todo golem: a economia do trabalho.

Como as outras manifestações do golem, o *cyborg* é uma fantasia. O que faz com que seja o modelo ambicionado, a aspiração de vida dos trabalhadores que conformam o conjunto de referência que vimos analisando, é a ilusão da infalibilidade, o mito da eficácia absoluta. É possível que a degeneração das crenças religiosas em credices primárias e a tecnificação do mundo tenha aberto um vazio existencial espontaneamente ocupado pela representação dos valores do sistema como valores da vida. Porque não são as ilusões que inventamos que nos permitem sobreviver, mas, ao contrário, é a vontade de viver que é tão forte que chega ao extremo de forjar ilusões. Daí que, na falta de uma explicação ou de uma compreensão "científica" do real, internalizemos os mitos.

O mito não é uma mentira. Ele existe porque tem que haver uma explicação, porque necessitamos que o acontecer da vida e do mundo façam sentido. Temos de nos representar e representar ao mundo para entender-nos. O artista primitivo, como a criança, toma as imagens da memória (o fenômeno) como ponto de partida da representação. Por isso representa o corpo frontalmente, o cavalo de perfil e os lagartos vistos de cima. Essas são as formas mais simples de representação⁵⁰. Isso não quer dizer que não saiba que essas são imagens parciais e esquemáticas: apenas não consegue representar além disso. Também os trabalhadores-cyborg, encontram no esquema e na simplificação o refúgio para os riscos de uma realidade que sabem complexa e hostil.

Victor Frankl, um psiquiatra de Viena, foi quem melhor descreveu a sobrevivência do espírito pela via da ilusão. Ele trabalhou com as "neuroses noogênicas", um tipo de desorientação que se enraíza não no âmbito psíquico, mas no domínio do noético. São desorientações que se apresentam como problemas espirituais, como conflitos éticos, como crises existenciais, não como neuroses convencionais (não como maluquices no sentido popular). Nas suas investigações⁵¹, Frankl verificou que muitos prisioneiros dos campos de concentração deviam sua sobrevivência a uma espécie de "morte emocional", ao adormecimento do senso crítico. Concluiu que, no limite, o sobrevivente rejeita a esperança e também o desespero. Ele se sente feliz por estar vivo. Ele se concentra em estar vivo, em chegar ao dia seguinte, o que aumenta as suas chances de sobrevivência material e, especialmente, as chances de preservar a sanidade mental ante a adversidade de uma realidade absurda e insuportável.

A dedução essencial de Frankl foi que se a sobrevivência não pode ser tomada como um fim em si, então deve haver um propósito externo a nós mesmos que nos confira uma razão para viver ou morrer. Esse propósito pode estar em outra pessoa, na família, em uma empreitada, em uma ambição. Pode estar no trabalho absoluto. A automação, a irreflexão levada às últimas conseqüências,

⁴⁹ [Clynes - 1960]

⁵⁰ [Gombrich 1986]

⁵¹ [Frankl - 1962]

privou o trabalhador da sensação de utilidade. O tédio e a insatisfação anularam a individualidade, mataram o espírito. O trabalho um dia foi a vida. Se não é mais, pelo menos podemos fingir que é. Podemos nos iludir. Podemos nos condicionar a nós mesmos, como os sobreviventes dos campos de extermínio, como *cyborgs*, meio programados, meio amestrados.

O condicionamento, como os reflexos condicionados, são uma "causa aprendida"⁵². Não um motivo, mas uma razão. O fato de que essa razão pode ser falha na base, não invalida a sua força⁵³. O processo consiste em centrar o espírito naqueles segmentos da realidade que são harmônicos com a direção geral do sistema, com o sentido do sistema. Alcança-se, por esse meio, um estado de insensibilidade e resignação psíquicas diante de condições sabidamente inevitáveis. Suprime-se a capacidade de auto-apreciação, a capacidade crítica, a auto-reflexão. Desumaniza-se, mas sobrevive-se⁵⁴, ainda que no isolamento.

O SOLITÁRIO

Nas formas de produção e geração de serviços que aí estão, a *autarkeia* encontra pouso e as melhores condições de desenvolvimento. Estudos sobre a interação no chão de fábrica⁵⁵ têm demonstrado que mais e mais, ao longo das cadeias produtivas, as pessoas se isolam ou são isoladas. As novas tecnologias não trouxeram só o aumento do conforto: trouxeram, também, a exclusão da comunidade - o insulamento - e a exclusão na comunidade - a solidão. Nelas o trabalhador-cyborg, autônomo, auto-suficiente, está no seu elemento.

O processo de insulamento na produção tem uma longa história. No início da modernidade houve a proibição pura e simples de conversas no ambiente de trabalho. Um impedimento usual nas primeiras manufaturas, que exigiam grande concentração para que a produtividade fosse mantida, nos escritórios, opressivamente formais, nas lojas, onde tudo se passava como nas cenas de opereta. A essa proibição veio se juntar, mais adiante, a impossibilidade física de comunicação, derivada do barulho das máquinas, da imensidão dos salões burocráticos, do fracionamento departamentalizado do comércio. Na época da taylorização, vieram se somar às interdições derivadas das exigências do trabalho as derivadas das novas formas de produção, de administração, de vendas. O processo continuou com as portas cortafogo, que impedem até a visão entre os colegas, com o distanciamento físico, decor-

⁵² *A propósito do condicionamento, há uma experiência curiosa e pouco divulgada realizada por Skinner, um dos pais do behaviorismo (Riedl - 1988). Tentando estudar o mecanismo do aprendizado entre os pombos, Skinner encerrou-os em caixas e forneceu-lhes comida em horas certas. Com o tempo, cada pombo terminou por associar um movimento à aparição da comida. Um abrir de asas, um passo para trás, e assim por diante. Na esperança de obter mais comida, cada pombo aumentou o número de vezes que executava o seu movimento particular, o que, dado que a comida aparecia sempre à mesma hora, reforçou a associação. Atiçados pela fome e sem qualquer capacidade dedutiva, os pombos de Skinner terminavam doidos. Executavam um bailado surrealista até morrerem de exaustão.*

⁵³ *Por exemplo, nos anos 50, quando os bilhetes de loteria eram uma mania nacional, os responsáveis pelas loterias tinham que carimbá-los todos como "bilhetes de São Paulo". Isso porque, como em São Paulo se comprava mais bilhetes o número de bilhetes sorteado era, naturalmente, maior no estado. Daí que todos preferissem bilhetes de lá. O desconhecimento das regras básicas da probabilidade não invalida o fato de que muita gente viajava só para comprá-los. Os adeptos dos bilhetes ainda por muito tempo preferiram, se é que ainda não preferem, os bilhetes de São Paulo. Como preferem se alienar da vida os trabalhadores-cyborg*

⁵⁴ *A perspectiva identificada [Cherques - 2.000] é de que a produção deve evoluir em direção ao que Humberto Eco (1995) denominou de "metafísica influente": os fatores da moda, como a qualidade e o atendimento ao consumidor. Se a vida é o sistema, a modernização do sistema corresponde a uma higienização da vida. Não à vida boa, mas à bela vida da conformidade*

⁵⁵ *A forma dominante de interdição da fala que até os anos 80 foi o isolamento dos postos de trabalho [8,4%] era, na década de 90, a das novas modalidades de organização do trabalho [6,2%]. Pesquisa francesa indica que as mulheres sofrem mais impedimentos do que os homens [na razão de 12%]. [Hodebourg - 1998] .*

rente do afastamento contínuo das ilhas informatizadas de controle da produção, dos "aquários" de vidro dos gerentes, da dispersão dos pontos-de-venda.

Na medida em que vêm se acentuando as desigualdades entre as diversas categorias sócio-profissionais, a interdição da fala passa a estar intimamente relacionada à aristocratização do trabalho. Para os que executam tarefas menos qualificadas, tem havido um decréscimo acentuado do contato interpessoal, de que dão testemunho as enfermidades profissionais, relacionadas ao esforço repetitivo, a pressão do tempo e à solidão [depressão, alcoolismo, drogas, etc.]. Para os que podem fazer face às exigências intelectuais, o trabalho é cada vez mais higienizado. Menos emocional, menos fraternal, mais ascético, mais mecânico. Para os trabalhadores do nosso conjunto de referência, se a fala não é proibida, ela é impossibilitada pelo insulamento dos postos de trabalho. Humilhante para muitos, mas nada demais para o golem mudo (curiosa ou significativamente os golens não podem falar. Segundo o Talmude⁵⁶, o Rabi Ziva, a quem foi enviado um auxiliar, descobriu que o ele era um golem demonstrando que era mudo), para o robô repetitivo, para o andróide controlado, para o *cyborg* desalmado.

Há autores que vêm no domínio da linguagem uma nova forma de opressão⁵⁷. Para eles, o curso de desenvolvimento do poder da linguagem teria tido início com o fordismo. O fordismo deu grande impulso à produtividade porque dispensava a comunicação, o que democratizou o acesso ao trabalho⁵⁸, mas, com a destruição da gíria profissional, passou o jugo das relações interfabris aos que podiam se comunicar com eficiência. Daí que na produção taylorizada, os gerentes da administração científica procuraram misturar emigrantes de vários idiomas para que não pudessem se comunicar. Era a velha forma de poder baseada no fortalecimento do comando pela divisão dos comandados. Hoje, quando os operadores mudos do fordismo e do taylorismo já não têm mais vez, a sofisticação da verbalização do trabalho, as comunicações por escrito e a leitura de monitores, exclui os despreparados por meio do jesuitismo da linguagem de decisão. Essa exclusão, mais decisiva do que a decorrente dos esquemas de Taylor, só faz beneficiar a propagação do *cyborg*, capacitado e autodeterminado.

O contato físico direto estando vedado, e a comunicação interpessoal mediatizada, o sistema torna-se cada vez mais uma cunha cravada no mundo da vida. O que explica, e talvez justifique, não só a sobrevivência como o florescimento do trabalhador absoluto. O sentido geral atribuído à evolução dos fatores preponderantes na produção é o de uma pasteurização, de uma limpeza de fatores conspurcantes, como o poder e os contatos pessoais⁵⁹. O esgarçamento das relações no mundo do trabalho fragiliza o sistema de regulação intersubjetiva. Não só por razões econômicas a proteção do trabalho é vista como obstáculo ao imperativo categórico da competitividade⁶⁰.

A SOCIEDADE DOS "LABORERS"

Quando buscava o tempo perdido, Proust descobriu ou demonstrou que não importam os acontecimentos ou os indivíduos. Cada um de nós pode sempre ser substituído por outros. O que importa é a estrutura da vida, a urdidura das relações, a trama do que nos acontece. Cada pessoa é um meta-sujeito. Tanto que no final Marcel, o narrador, está pronto a iniciar o romance que se acaba de ler.

⁵⁶ [Sanedrin 656] Agadah [Moles 71]

⁵⁷ [Boutet - 1998]

⁵⁸ Com o encadeamento e a mecanização das esteiras rolantes os imigrantes, que não falavam inglês, e as pessoas mais ignorantes podiam servir à produção tão bem ou melhor do que os [caros] operários especializados.

⁵⁹ Esses fatores perdem para fatores "neutros", como o atendimento e a melhor organização da produção. Na perspectiva desses trabalhadores, a competitividade deve ser um fator cada vez mais importante no futuro, enquanto a produtividade e o atendimento aos clientes devem manter o nível atual de importância. A qualidade, descreve um arco. No momento estamos no ápice da relevância desse fator. O trabalho, por sua vez tende a ser um fator cada vez mais importante, o que, como vimos, é coerente com a idéia da regência da vida pelo sistema, uma idéia de conformidade.

⁶⁰ [Castel - 1998]

É justamente como meta-sujeito que o trabalhador absoluto prospera. Porque o fato é que se a divisão social do trabalho subdividiu a sociedade e a divisão parcelada do trabalho subdividiu o trabalhador, com menosprezo das suas capacidades e das suas necessidades⁶¹, a atual tendência do trabalho como *commodity*, isto é, como um bem alugável, vendável, alienável, ameaça dividir espiritualmente o próprio homem⁶².

Expulso do Paraíso, condenado a vagar pela terra e a trabalhar sem descanso, o ser humano, golem amorfo, inconformado talvez de ter sido inscrito no livro de Deus como foi⁶³, aventurou-se a por outro em seu lugar. Sonhou fábulas. Fez com que Júpiter transformasse Liconte em lobo, que Pigmaleão se apaixonasse pela estátua Galatéia⁶⁴, que Pinóquio⁶⁵ fosse transformado em gente pela Fada Azul. Procurou criar ele mesmo quem o substituísse. Como golem, como robô, como andróide, tentou com insistência o ensaio irrealista. Repetiu as cenas de *Metropolis*. A fusão de Hel com Maria, no Frankenstein [1933]⁶⁶, a engrenagem que mói pessoas, nos Tempos Modernos de Chaplin [1937], a maldade dirigista, nos Invasores de Corpos [1955], o humanóide sentimental, na Guerra nas Estrelas [1972], a loucura do cientista no Dr. Strangelove [1977], a sociedade maquinal dos trabalhadores escravos na cena inicial de Blade Runner [1984].

O imaginário é um portal. Nele, a liberdade, a fuga da vida avassalada ao sistema, está ao alcance da mão. No mundo concreto do trabalho, para um conjunto importante de pessoas a impossibilidade de escapar resolve-se na adesão: na ilusão do consórcio com o sistema. É certo que o se iludir equivale a um suicídio espiritual. Mas o estar ou o ter sido iludido é uma circunstância. Uma circunstância a que as pessoas cujo perfil se aproxima do de um andróide, se rende ou abraça inconscientemente. Uma forma de existência na qual encontra conforto e segurança. Com a vida amalgamada ao sistema, o trabalhador é tanto vítima como beneficiário, tanto padecente como algoz no desenrolar da vida e das vicissitudes do sistema. É o sujeito e o objeto da manipulação, da mitificação, da exclusão.

A associação irrestrita da vida com o sistema aniquila a liberdade. Mas a liberdade pode ser entendida e sentida de muitas maneiras. A concepção pluralista de liberdade, a qual estamos mais afeitos, define a escolha não como a liberdade de escolher uma linha de ação em vez de outra, mas como a liberdade de escolher todas as coisas simultaneamente. Em contraposição, uma sociedade de *laborers* define a escolha não como a liberdade de escolher entre um trabalho ou outro, mas entre estar empregado ou estar excluído. Pareceria que, nessa sociedade, o trabalho não serve à produção e sim à vida. Mas é justamente o inverso. Na sociedade dos *laborers*, o sistema e a vida mais do que se confundem. O sistema, por intermédio do trabalho, doa a vida.

⁶¹ [Braverman - 77]

⁶² É significativo que, nas pesquisas a que vimos nos referindo, a produtividade e o atendimento aos clientes e a rentabilidade pareçam, a essas pessoas, como fatores que tendem a perder relevância que atualmente lhes é dada. Demonstra uma dissociação entre o trabalho, um valor e um bem em si mesmo, e o seu resultado, a produção/produtividade.

⁶³ Salmos [139,16]

⁶⁴ A história de Pigmaleão e Galatéia, a mais conhecida das Metamorfoses de Ovídio [1955], é o relato do escultor que se apaixonou tão perdidamente pela estátua de mulher que esculpiu, que fez com que os deuses lhe concedam a vida.

⁶⁵ Pinóquio é um golem [re] inventado, em 1881, por Carlo Collodi, aliás Carlo Lorenzini, um professor florentino. Em "Le avventure di Pinocchio" ele conta a história de um boneco de madeira que quer se tornar gente. Restringido pelo sistema - ele não pode mentir, porque seu nariz cresce - Pinóquio foge de Gepetto, seu "pai". Cai no mundo da travessura. Estranhamente é perseguido por um malfeitor chamado Lorenzini. Como Jonas, é engolido pela Baleia [o Leviathan], mas é ajudado pelo Grilo Felinet. A obra principal de Lorenzini é constituída de livros escolares de educação, e, como não podia deixar de ser, de disciplina e boas maneiras, uma forma de opressão que vai caindo em desuso.

⁶⁶ Frankenstein, segundo diz a própria Mary Shelley [2.000], na introdução de seu livro, foi inspirado na história do Golem, na adaptação feita por Jakob Grimm. Nessas adaptações, o Golem se volta contra o seu criador.

A se seguir a trajetória do momento, a formação social regida pelo trabalhador absoluto mais e mais ganhará terreno. Porque, embora o ser humano tenha inventado as organizações e as máquinas para servi-lo, o processo vem se invertendo: estamos projetando para utilizar a capacidade máxima das máquinas e das organizações e não, como deveria ser, para produzir o que nos convém. Na sociedade em que o ser humano é um meio e não um fim, a mentalidade do golem, do robô, do andróide, que são máquinas tornadas homens, vem se expandindo. Vem sendo impulsionada pela mentalidade perversa do *cyborg*, do homem tornado máquina. A inversão é temerária. A conduta previsível do golem, do robô, do andróide, que podiam pouco e faziam o que se lhes mandava, vem sendo substituída pela do *cyborg*, daquele que pode muito mais do que sabe. O que disso decorrerá não é possível antever. Nas *Metamorfoses de Ovídio*, síntese da sabedoria dos antigos sobre as transmutações, que inclui a história de Pigmaleão, do Hermafrodita, de Orfeu e Eurídice, não consta a criação de nenhum autômato. Somente de dois *cyborgs*: Dédalo, o precavido e Ícaro, que não reconheceu seus limites.

REFERÊNCIAS

[Arendt – 1989] - Arendt, Hannah; A condição humana; Rio de Janeiro; Forense; 1989 (1958)

[Bettlhein – 1991] - Bettlhein, Bruno; Libertação da mentalidade de gueto, in, A Viena de Freud e outros ensaios; Rio de Janeiro; Campus; 1991

[Bouchet – 1998] - Bouchet, Hubert; Que font les cadres?; Le monde du travail; Paris; Éditions la Découverte; 1998

[Boutet – 1998] - Boutet, Josiane; Quand le travail rationalise la langage; Le monde du travail; Paris; Éditions la Découverte; 1998

[Braverman – 1977] - Braverman, Harry; Trabalho e capital monopolista; Rio de Janeiro; Zahar; 1977; Orig. 1974

[Castel – 1998] - Castel, Robert; Centralité du travail et cohésion sociale Le monde du travail; Paris; Éditions la Découverte; 1998

[Chamot – 1989] Chamot, Dennis; Electronic work and the white-collar employee; in; Kraut, Robert E.; Technology and the transformation of white-collar work; American Management Association; 1963

[Cherques - 1994] – Cherques, Hermano Roberto Thiry & Paulo César Negreiros de Figueiredo: PRODUTEC – Gerenciamento da produtividade e da tecnologia em organizações atuantes no Rio de Janeiro; Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getulio Vargas - EBAP/FGV; Rio de Janeiro; Anais da AMPAD; 1994

[Cherques – 2.000] – Modelos de sobrevivência – Teses de doutoramento, COPPE – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2.000

[Clynes – 1960] – Clynes, Manfred & Nathan Kline; Cyborgs and space; Astronautics; Set.; 1960

[Cohendet – 1991] - Cohendet, P.; Ledoux, M.J. et Zuscovitch, E.; The evolution of new materials: a new dynamic for growth; in, Tecnology and Productivity, Paris, OCDE, 1991

[Coser – 1997] – Coser, Lewis A.; Masters of sociological thought; New York; Hartcourt Brave Jovanovich; 1997

- [Dennis – 2000] – Dennis, Jerz; Le règne des robots ; <http://www.agora.qc.ca/relexport.nsf/Documents/Robot>; 2000
- [Descartes - 1973] *Traité de l'homme* in Œuvres philosophiques ; Paris ; Garnier Frères ; 1963-1973
- [Dubar – 1998] - Dubar, Claude; *Les identités professionnelles*; Le monde du travail; Paris; Editions la Découverte; 1998
- [Frankl – 1962]- Frankl, Viktor; Man's search for meaning; EUA; Touchstone; 1962
- [Galbraith – 1968] - Galbraith, John Kenneth; O novo estado industrial; Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; 1968
- [Gershon – 1994] - Winkler, Gershon; The Golem of Prague; The Judaica Press, New York, 1994
- [Gombrich – 1986] - Gombrich, E. H.; Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica; São Paulo; Martins Fontes; 1986 (orig. 1959)
- [Habermas – 1991] – Habermas, Jürgen; Reply - in - Honneth, Axel & Joas, Hans; Communicative action, essays on Jürgen Habermas's the theory of communicative action; EUA, MIT Press; 1991
- [Hegel – 1992] – Hegel, G.W.F.; Fenomenologia do espírito; Petrópolis; Vozes; 1992
- [Hodebourg – 1998] - Hodebourg, Jean: *L'évolution des conditions de travail*; Le monde du travail; Paris; Éditions la Découverte; 1998
- [Lasch – 1990] - Lasch, Christopher; O mínimo eu; São Paulo; Brasiliense; 1990
- [MacIntyre – 1994]. MacIntyre, Alasdair; Historia de la ética; Barcelona; Paidós; 1994
- [March e Simon – 1958] - March, James G. e Simon, Herbert, A.; Organizations; Nova York; Wiley & Sons. 1958
- [Marx – 1929] – Œuvres philosophiques; Paris; Alfred Costes; 1929
- [Marx - 1939] – Marx, Karl e Frederich Engels; The German ideology, Nova York, Interantional; 1939
- [Marx - 1978] – Marx, Karl; O Capital, São Paulo, Ciências Humanas, 1978
- [Meyrink – 1964] - Gustav Meyrink; The golem, a novel; New York, F. Ungar; 1964
- [Moles – 1971] - Moles, Abrahan Antoine; A criação científica; São Paulo; Perspectiva; 1971
- [Ovídio – 1955] – Ovid; Metamorphoses; Londres; Penguin Classics; 1955
- [Perroux – 1970] – Perroux, François; Aliénation et société industrielle ; Paris ; Gallimard ; 1970
- [Riedl - 1988] - Riedl, Rupert; *Les conséquences de la pensée causale*; in Watzlawick, Paul; (org.); L'invention de la réalité; Paris; Éditions du Seuil; 1988
- [Rousseau – 1964] - Rousseau, Jean-Jacques - Oeuvres Complètes - 4 Vol. - Bibliothèque de la Pléiade - Éditions Gallimard - Paris – 1964

[Scaff – 1989] - Scaff, Lawrence A; Fleeing the iron cage; Berkley; University of California Press; 1989

[Shelley – 2.000] - Shelley, Mary Wollstonecraft, Frankenstein : complete, authoritative text with biographical, historical, and cultural contexts, critical history, and essays from five contemporary critical perspectives; Boston : Bedford/St. Martin's; 2000 [1.808]

[Taylor – 1947] - Taylor, Frederick Winslow; The principles of scientific management, Nova York, Happer & Brothers, 1947

[Vatin – 1993] - VATIN, François; Le travail: économie et physique 1780-1830; Paris: PUF; 1993

[* No filter found for the requested operation. | In-line *][Weber - 1930] – Weber, Max; The protestant ethics and the spirit of capitalism; Nova York; Charles Scribner's Sons; 1930